

# A CONSTRUÇÃO NARRATIVA DA IDENTIDADE DO “HOMEM DE TCHERNÓBIL”

Ísis Lopes De Almeida (Mestre em Letras pela UNISC)

## RESUMO

Ao considerar que o processo narrativo significa um modo de organização do sujeito que narra suas experiências e do mundo que é construído enquanto narrado, proponho-me a analisar as narrativas dos sobreviventes de Tchernóbil apresentadas por Svetlana Aleksievitch em seu livro *Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear* (2016). Partindo da ideia de que todo homem é um ser narrativo, o objetivo deste artigo é perceber como as vítimas de Tchernóbil passaram a ver (narrativamente) o mundo e a si mesmas após o acidente nuclear. Como apoio teórico, a fim de melhor compreender os relatos transcritos da obra de Aleksievitch, relaciono-os aos estudos de Luiz Gonzaga Motta (2013), *Análise crítica da narrativa*, e de Walter Benjamin (1986), “O narrador”. Por conseguinte, aponto, ao longo deste artigo, para a construção narrativa da identidade do “homem de Tchernóbil”.

**Palavras-chave:** Acidente nuclear de Tchernóbil. Identidade. Narrativas. Tradição oral.

## ABSTRACT

Considering that the narrative process means a way of organization of the subject that he narrates their experiences and of the world that are built while narrated, I propose to analyze the survivors' of Chernobyl narratives presented by Svetlana Aleksievitch in her book *Vozes de Tchernobil: the oral history of the nuclear disaster* (2016). Starting of the idea that every man is a narrative being, the objective of this article is to notice how the victims of Chernobyl passed to see (in a narrative way) the world and themselves after the nuclear accident. As theoretical basis to better understand the transcribed reports from Aleksievitch's book, I relate them to the works of Luiz Gonzaga Motta (2013), *Análise crítica da narrativa*, and of Walter Benjamin (1986), "O narrador". Thus, I point out, along this article, for the narrative construction of the identity of the "man of Tchernobil".

**Keywords:** Nuclear accident of Tchernobil. Identity. Narratives. Oral tradition.

## NARRAR PARA ENTENDER

Começo pela ideia de que o homem é uma existência narrativa. Antes mesmo de seu nascimento, de participar ativamente do mundo, criam-se narrativas sobre ele: a mãe conta como o bebê “chuta” dentro da barriga e o pai constrói histórias que serão protagonizadas pelo filho. Depois, quando passa do plano da expectativa para o da realidade social, esse sujeito começa a tecer suas próprias narrativas e a se constituir através delas. Na escola, ao se apresentar à turma no primeiro dia de aula, cria uma narrativa sobre quem é e de onde vem. Na faculdade, alguns anos depois, faz o mesmo, embora a narrativa já seja outra. O que quero dizer é que o ser humano só se faz existir como um ser social através de um processo narrativo. E como narrar a si mesmo significa uma atitude reflexiva sobre o eu, o homem se transforma e se recoloca no mundo a cada vez que se constitui narrativamente.

Há pesquisas, como as realizadas por psicólogos culturais, que apontam que

a estrutura narrativa está presente na práxis de interação social antes mesmo da aquisição da linguagem. Alguns [pesquisadores] mais radicais nesse aspecto, como Jerome Bruner, insistem que o impulso para construir narrativas é que nos remete à aprendizagem da língua. Essa predisposição genética e inata se fortalece com novos modelos narrativos provenientes da cultura (MOTTA, 2013, p. 29).

Ou seja, antes de nos expressarmos e comunicarmos através de narrativas, pensamos narrativamente. Assim como não há pensamento desvinculado da linguagem, também não percebo como a estrutura narrativa poderia não estar relacionada aos modos de pensar. A experiência humana é sempre pensada e organizada narrativamente, e segundo destaca Lluís Duch (2002), “[...] a narração é um produto da consciência humana<sup>1</sup>” (p. 165, tradução minha). Para o autor, não há nada à margem da palavra e, conseqüentemente, também da estrutura narrativa: “O passado, o presente e o futuro não são entidades

---

<sup>1</sup> No original: “la narración es el producto de la conciencia humana”.

metafísicas independentes, mas categorias da consciência organizada, que são indispensáveis para a criação e fortalecimento da identidade pessoal<sup>2</sup>” (DUCH, 2002, p. 166, tradução minha). Portanto, de acordo com Duch, a identidade está intimamente vinculada à organização narrativa das experiências do sujeito.

Assim, se é narrando que o homem tem construído sua identidade e organizado sua experiência no mundo ao longo do tempo, é por meio das narrativas que podemos buscar entendê-lo. Conforme ressalta Luiz Gonzaga Motta (2013), é preciso analisar essas narrativas

porque cada um de nós (e nossa sociedade inteira) está recoberto por mantos superpostos de narrativas que refletem e condicionam nossas crenças e valores, nossa história e costumes, nossas leis e cultura. É preciso estudá-las, porque contá-las e recontá-las dá sentido à vida humana (p. 62).

Estudar as narrativas, ainda segundo o autor, é refletir sobre a experiência humana. É tentar compreender o homem no contexto que ele mesmo vem construindo através da história. Neste artigo, porém, o contexto é delimitado pelo desastre nuclear de Tchernóbil, e as narrativas que me proponho a pensar são as das vítimas do acidente, histórias apresentadas por Svetlana Aleksiévitich em *Vozes de Tchernóbil* (2016). Durante a leitura dos relatos que compõem o livro, foi possível perceber que, sob a tessitura de vozes que lamentam a tragédia e que contam como tudo aconteceu, essas personagens estão, na verdade, tentando se reorganizar narrativamente. Como sobreviventes de um acidente que reconfigurou seu modo de entender-se e de compreender um mundo agora estranho (um mundo pós-Tchernóbil), ao narrarem suas histórias, essas vozes buscam por sentido.

De acordo com Motta (2013), em última instância,

é esse o papel cognitivo do relato (a notícia, o boato, o conto, o comentário): uma estratégia simbólica destinada, em nível individual e coletivo, a fazer frente aos estragos da negatividade e a voltar a integrar o todo ameaçado, consolidando o conjunto social e evitando a sua destruturação pela angústia, ansiedade e medo diante da contingência (p. 57).

---

<sup>2</sup> No original: “El pasado, el presente y el futuro no son entidades metafísicas independientes, sino categorías de la conciencia organizada, que son indispensables para la creación y fortalecimiento de la identidad personal”.

A intenção deste trabalho, portanto, é a de perceber por meio de uma leitura crítica das narrativas como as vítimas do acidente nuclear passaram a ver narrativamente a si mesmas e ao mundo depois de Tchernóbil.

\*\*\*

Antes, contudo, de passar ao acontecimento histórico e às suas implicações na existência daqueles que sobreviveram, destaco a pertinência do texto de Walter Benjamin (1986), “O narrador”, para o assunto em questão. Escrito em 1936, ou seja, cinquenta anos antes do desastre nuclear de Tchernóbil, o estudo de Benjamin já apontava para a escassez de experiências comunicáveis dos combatentes que retornavam da Primeira Guerra Mundial, soldados abalados emocionalmente ao nível de não serem capazes de contar os horrores vividos nos campos de batalha. Segundo Benjamin (1986), não se falava sobre a guerra porque “[...] nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras” (p. 198).

Sabe-se que o evento ocorrido na Central Elétrica Atômica de Tchernóbil não foi nenhuma guerra e que os que morreram em virtude dele não pereceram pelos tiros ou pela mão de um inimigo estrangeiro. Entretanto, é possível que a profundidade do trauma experimentado pelos soldados mencionados por Benjamin (1986) forneça um parâmetro para que se possa refletir a respeito da tragédia que se abateu sobre os sobreviventes do desastre nuclear. Em ambos os casos, os sujeitos que passaram pela violência destes eventos tiveram suas vidas radicalmente modificadas ao ponto de ser-lhes doloroso falar sobre as perdas sofridas e os horrores presenciados.

Nesse sentido, Benjamin (1986) assinala que as experiências ricas em narrativas comunicáveis vem diminuindo consideravelmente, assim como a habilidade em compartilhá-las. Por esse motivo, segundo o autor, a arte de narrar, ou seja, de contar uma história de forma oral, está em vias de extinção. Outra razão destacada por Benjamin (1986) para esse esquecimento da tradição narrativa consiste no surgimento do romance. Ao considerar o fato de que o romance está essencialmente vinculado ao livro, à forma escrita, o autor acredita que ele, além de não proceder da tradição oral, não a estimula. Nesse sentido, o romancista segrega-se, torna-se um indivíduo isolado, e as narrativas da coletividade acabam se perdendo.

Por conseguinte, chamo a atenção para a importância da obra de Aleksiévitche (2016). Embora as histórias ali contidas estejam veiculadas em um livro físico, elas resgatam a tradição oral de uma comunidade porque consistem em narrativas contadas pelos próprios sobreviventes de Tchernóbil e por pessoas que, de alguma maneira, foram afetadas pela tragédia da Central Elétrica. Transformadas por um evento de proporções catastróficas, mesmo depois de algum tempo do ocorrido, essas pessoas ainda tateiam o sentido de suas existências enquanto tentam constituir-se narrativamente. Assim como os soldados que retornavam mudos da guerra, com o acidente nuclear, elas perceberam-se incapazes de entender quem eram, quem tinham se tornado. São homens e mulheres que apenas conseguem voltar a compreender sua identidade através das narrativas orais.

Isto posto, *Vozes de Tchernóbil* (2016) não compreende apenas um aglomerado de informações sobre o desastre, mas histórias que abrangem o imaginário humano. Como aponta Benjamin (1986), os fatos postos em foco pela informação possuem um caráter imediatista, chegam aos leitores de forma pronta. Logo, “[...] quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação” (BENJAMIN, 1986, p. 203). Por outro lado, a arte narrativa evita explicações e apela ao imaginário, à liberdade de interpretação do leitor ou daquele que se encontra no centro da questão. Pode-se conceber, portanto, que as narrativas elaboradas pelos sobreviventes de Tchernóbil relacionam-se sobretudo ao mistério da vida e às potencialidades de existir do ser humano.

## O DESASTRE NUCLEAR

No dia 26 de abril de 1986, uma série de explosões no quarto reator da Central Elétrica Atômica de Tchernóbil, localizada em Prípiat, cidade ucraniana bem próxima à fronteira de Belarús (ou Bielorrússia), lançou na atmosfera uma grande quantidade de partículas radioativas. O acidente, além de espalhar radiação para vários países, tanto próximos como Polônia e Alemanha quanto mais distantes como China e Índia, destruiu populações e aldeias em Belarús, causou inúmeras mortes e se converteu no mais grave desastre tecnológico do século XX.

Do capítulo “Nota histórica” do livro *Vozes de Tchernóbil* (2016), em que a autora compila trechos de artigos e reportagens publicadas na Belarús sobre a tragédia de Tchernóbil, transcrevo a seguinte passagem:

“Para a pequena Belarús (com uma população de 10 milhões de habitantes), o acidente representou uma desgraça nacional, levando-se em conta que ali não havia nenhuma central atômica. Tratava-se de um país agrário com predomínio de populações rurais. Nos anos da Segunda Guerra Mundial, os nazistas destruíram 619 aldeias no país, com toda a sua população. Depois de Tchernóbil, o país perdeu 485 aldeias: setenta delas estão sepultadas sob a terra para sempre. A mortalidade na guerra foi de um para cada quatro bielorrussos; hoje, um em cada cinco vive em território contaminado. São 2,1 milhões de pessoas, dentre as quais 700 mil crianças. Dentre os fatores de descenso demográfico, a radiação ocupa o primeiro lugar. Nas regiões de Gómel e Moguilióv (as mais afetadas pelo acidente), a mortalidade superou a natalidade em 20%.

As explosões lançaram na atmosfera  $50 \times 10^6$  Ci de radionuclídeos, dos quais 70% caíram sobre a Belarús: 23% do seu território está contaminado por radionuclídeos de densidade superior a  $1 \text{ Ci/km}^2$  de cézio-137. Para fins de comparação: a Ucrânia teve 4,8% do seu território contaminado, e a Rússia 0,5%. A superfície das terras cultiváveis que possuem concentração radiativa de  $1 \text{ Ci/km}^2$  ou mais representa 1,8 milhão de hectares; de estrôncio-90 com concentração de  $0,3 \text{ Ci/km}^2$  ou mais, cerca de 0,5 milhão de hectares. A produção agrícola perdeu 264 mil hectares de terra. A Belarús é um país de bosques, mas 205 deles e mais da metade dos seus prados no leito dos rios Prípiat, Dniepr e Soj se encontram nas zonas de contaminação radiativa.

Em consequência da ação constante de pequenas doses de radiação, a cada ano cresce no país o número de doentes de câncer, de deficientes mentais, de pessoas com disfunções neuropsicológicas e com mutações genéticas”.

“Tchernóbil”. *Bielarúskaia Entsiklopédia*, 1996.

Hoje, a Central Elétrica Atômica de Tchernóbil é isolada e o local em que ocorreram as explosões é coberto por uma estrutura de proteção construída no período do acidente para conter a radiação. Porém, como medida de segurança, um novo sarcófago, feito de metal e muito maior do que o antigo, foi construído e colocado sobre a Central em fins de 2016.

A vida nas aldeias locais, contudo, jamais se recuperará da catástrofe.

## QUE MUNDO É ESSE?

Após a explosão do reator e a evacuação das aldeias mais próximas da Central, enquanto os dias iam passando, os habitantes foram percebendo que a vida não voltaria ao que era antes, que a situação se apresentava pior do que imaginavam. Segundo os relatos organizados por Svetlana Aleksiévitich (2016), as pessoas continuavam não entendendo o que era “a tal da radiação”, por que precisaram abandonar suas casas com tudo dentro e fugir de um inimigo que não podiam ver, mas começaram a ter consciência de que o mundo que conheciam não existia mais.

Piotr S., um psicólogo, diz em seu relato:

“Fui à zona de Tchernóbil. Já estive lá muitas vezes. E lá eu entendi que era impotente. Que não compreendo. E esse sentimento de impotência está me destruindo. Porque não reconheço este mundo. Tudo nele mudou. Até o mal é outro. O passado já não me protege. Não me tranquiliza. Não dá respostas. Antes sempre dava, agora não mais. O futuro me arruína, não o passado. (*Pensativo*)” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 57).

As vítimas que narram suas histórias à autora passam a fazer perguntas, a questionar a si mesmas sobre o mundo pós-Tchernóbil, um mundo ainda desconhecido para elas. Com a pouca informação que têm sobre as explosões que aconteceram na Central, sobre radiação e sobre por que não podem mais ordenhar as vacas ou comer o que plantam nas hortas de casa, por exemplo, essas pessoas tentam encontrar respostas que deem sentido à transformação operada por Tchernóbil.

De acordo com Motta (2013), nossas experiências

são responsáveis pela formação de nosso caráter, identidade e pensamento, assim como constitutivas dos significados que formulamos e retemos no imaginário e na memória. Apreender o significado de uma coisa ou fenômeno é contemplá-lo nas suas relações com outras coisas e pessoas, observar como opera e funciona, que consequências produz, etc. Nosso processo de conhecimento se direciona sempre para dominar algo ainda não compreendido, juntar partes, organizar, encadear, estabelecer causas e efeitos, antecedentes e consequentes, tornar o não familiar algo familiar, compreendido (p. 30).

Enquanto contam suas experiências através de um processo narrativo, é isso o que as vítimas de Tchernóbil fazem: tentam juntar partes, organizar os eventos e estabelecer sentidos a fim de compreender a experiência a que sobreviveram. São sujeitos que, narrativamente, constituem uma nova ideia do que seja o mundo na medida em que o nomeiam e classificam. Essa ideia, aliás, está algumas vezes vinculada a uma concepção caótica de guerra, como no relato de um dos soldados que trabalhou para conter o incêndio na Central:

“‘É essa a nossa vida?’, comecei a me perguntar, vendo as coisas com outros olhos. ‘É assim que vivemos?’ Como se uma tribo guerreira tivesse levantado o seu acampamento provisório e marchado para algum outro lugar. Tchernóbil provocou uma explosão no meu cérebro. E comecei a pensar” (ALEKSIÉVTCH, 2016, p. 103).

Ou no de Anatóli Chimánski, um jornalista bielorrusso:

“No início, todos falavam de ‘catástrofe’, de ‘guerra nuclear’. Li sobre Hiroshima e Nagasaki, vi documentários. É pavoroso, mas compreensível: uma guerra nuclear, o rádio da explosão. Isso eu até podia imaginar. Mas o que aconteceu conosco... Para isso me faltava... me faltavam conhecimentos, e faltavam em todos os livros que eu havia lido na minha vida. Eu acabava de regressar de uma viagem de trabalho, estava perplexo olhando as minhas estantes de livros no escritório. Eu li... Se não tivesse lido... Uma coisa totalmente desconhecida destruía o meu mundo anterior. Era algo que se introduzia, que penetrava em você. À margem da sua vontade” (ALEKSIÉVTCH, 2016, p. 172-173).

Ao longo desses relatos, percebo que, enquanto as pessoas tentam compreender o mundo pós-Tchernóbil e organizá-lo narrativamente, entram em conflito com sistemas de crenças e de valores que já não existem mais. Segundo aponta Motta (2013), as representações de mundo que construímos

são na verdade um sistema de valores e ideias coletivos, embora contraditórios, que permitem às pessoas estabelecer uma ordem sobre o caos para nomear, classificar e controlar o mundo material e social, conforme observa Moscovici (2009). Elas permitem a cada um e a todos comunicar essas ideias e valores aos demais membros da comunidade com um grau menor de ambiguidade. As representações sociais devem ser compreendidas, portanto, como entidades tangíveis, substâncias simbólicas que circulam, se entrecruzam e se confrontam, impregnando nossas relações (p. 32).

No caso dos habitantes das aldeias mais diretamente atingidas pelo desastre nuclear, agricultores que levavam uma vida simples e que nada sabiam sobre os perigos da radiação e seu potencial destrutivo, a desorientação por conta da transformação abrupta de uma realidade conhecida para outra, totalmente estranha, pode ser sentida em suas narrativas. Guenádi Gruchevói, deputado do Parlamento bielorrusso e diretor da Fundação para as Crianças de Tchernóbil, destaca que o que diziam os cientistas sobre os altos níveis de radiação não podia fundir-se, na consciência dos moradores locais, com o que haviam estudado nos livros escolares sobre uso pacífico de energia. Por isso, durante muito tempo não houve medo.

Gruchévoi associa essa postura ingênua às crenças e à mentalidade que predominava antes do acidente em Tchérnobil: “Tínhamos uma visão infantil do mundo. Vivíamos segundo o manual. Não só nós, mas toda a humanidade se tornou mais sábia depois de Tchernóbil. Amadureceu, entrou em outra idade” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 185). Em outro relato encontrado em *Vozes de Tchernóbil* (2016), o historiador Aleksandr Reválski declara que Tchernóbil foi, na verdade, uma catástrofe da mentalidade russa:

“Como o russo fala com a máquina? Blasfemando. Batendo-lhe com o martelo, ou a patadas. Ele não gosta da máquina, odeia, despreza, porque não entende muito bem o que tem nas mãos, que força é essa. Eu li em algum lugar que os trabalhadores da central atômica costumavam chamar o reator de panela, samovar ou fogareiro. Há um orgulho aqui: fritaremos ovos ao sol! Dentre os trabalhadores da central de Tchernóbil, muitos eram camponeses. De dia estavam nos reatores, e à noite, cuidando das suas hortas, ou na casa dos pais, na aldeia vizinha, plantando batatas com a pá ou espalhando esterco com a forquilha” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 265).

Essa incongruência entre a realidade do senso comum e a realidade que se formou depois de Tchernóbil também pode ser percebida no relato de Zóia Danílovna Bruk, inspetora do Serviço para Proteção da Natureza:

“Nessa época, a imagem que eu tinha da central nuclear era totalmente idílica. Na escola e no instituto nos ensinavam que eram fantásticas ‘fábricas que produziam energia tirada do nada’, onde trabalhavam pessoas de jalecos brancos que apertavam botões. Tchernóbil explodiu contra o fundo de um total despreparo da consciência e absoluta fé na técnica. Não tínhamos nenhuma informação. Havia montanhas de papéis com o carimbo ‘ultrasseguro’” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 257).

O livro de Aleksiévitich (2016) está repleto de vozes que se perguntam o que aconteceu com tudo o que existia e que desapareceu depois das explosões no reator da Central, que se questionam sobre o que significa o mundo que se originou de Tchernóbil, que declaram que, mesmo após 30 anos, ainda não podem compreender. Entretanto, nessa busca por sentido, essas vozes vão constituindo uma nova concepção de realidade e organizando-se narrativamente. Acima de tudo, elas organizam sua experiência.

A conclusão a que se chega é que, para as vítimas do desastre, o mundo mudou com Tchernóbil, como destaca o relato de Lília Mikhailovna Kuzmenkova, professora da Escola de Arte e Cultura de Moguilióv e diretora de teatro:

“Mas agora, depois de Tchernóbil, tudo mudou. E isso também. O mundo mudou, já não parece mais eterno, como até pouco tempo atrás. A terra se tornou pequena. Nós fomos privados da imortalidade, foi isso que aconteceu conosco. Perdemos o sentido de eternidade. Pela televisão, eu vejo como as pessoas matam, todos os dias. Atiram. Hoje são pessoas sem imortalidade que matam. Um homem matando outro. Depois de Tchernóbil” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 301).

Em termos de uma análise crítica da narrativa, Motta (2013) explica que, quando uma excepcionalidade irrompe no contexto do consuetudinário, do senso comum, cria-se uma ruptura que necessita ser explicada, mitigando o desvio. Para Jerome Bruner (1997), a psicologia popular (ou senso comum) depende da narrativa e da interpretação narrativa para realizar essa negociação dos significados: “As histórias atingem seus significados explicando desvios do comum de uma forma compreensível” (p. 49). Em *Vozes de Tchernóbil* (2016), as narrativas dos sobreviventes traduzem essa busca por sentido.

## QUEM SOMOS NÓS?

De acordo com Motta (2013), uma das principais razões para estudar as narrativas está em entender quem somos. “Nossa vida individual, nossa identidade, é uma narrativa pessoal. Estamos sempre contando estórias sobre nós mesmos, fazendo pequenos relatos de nossas experiências e testemunhos de nossos sonhos” (MOTTA, 2013, p. 27). Enquanto construímos narrativas sobre nós mesmos, conforme sustenta o autor, nos autossignificamos.

Assim, quando nos colocamos em uma postura narrativa diante de nossas próprias histórias e as contamos a alguém, selecionamos e reunimos nossas experiências em um todo significativo e reconstruímos nosso eu, transformando-o em um relato valorativo, como sugere Motta (2013). Por meio de uma atitude reflexiva voltada mais para o interior do que para o exterior, buscamos dar sentido a nós mesmos através das narrativas. Por essa razão, Motta (2013) argumenta que somos nossas próprias narrações:

Nossa descrição de nós mesmos é pontuada pela percepção e relato de uma série de incidentes que pontuaram o fluxo regular de nossa existência no passado, e redirecionaram nossas vidas: nossos pontos de virada. *Viradas de mesa*, viradas de direção, viradas de vida. Essas rupturas revelam dramas individuais, rupturas, descontinuidades trágicas ou desvios do canônico. Elas demarcam períodos e circunscrevem pontos de virada, mas reinseridas na narrativa de nossa existência, compõem uma unidade-síntese. Essa sucessão de eventos configura nossa estória de vida, uma narrativa que nos identifica e nos confere uma identidade única [...]. Nossas narrativas nos instituem e constituem. [...] Nossa estória revela quem somos, mas revela também nossos estados intencionais, o que pretendemos ser, os *scripts* que projetamos para nós mesmos (p. 27-28).

Pelas narrativas de si, portanto, é possível encontrar um caminho para compreender quem somos e como nos colocamos no mundo. Pensando sobre *Vozes de Tchernóbil* (2016), considero que, além de terem manifestado uma busca de sentido a fim de entender a realidade instaurada após o desastre nuclear, as vítimas que construíram suas narrativas para o livro de Aleksiévitich (2016) também manifestaram uma necessidade de compreender a si mesmas em um novo contexto.

Sobre essa questão, sublinho o relato de Serguei Vassílievitich Sóboliev, diretor da Associação Republicana “Escudo para Tchernóbil”:

“Certa vez, eu ouvi ou li que o problema de Tchernóbil, para nós, antes de tudo, é um problema de autoconhecimento. E concordei com isso, pois coincide com os meus sentimentos. Eu estou sempre aguardando que alguém muito inteligente venha me explicar tudo... Que esclareça. Assim como me explicam e esclarecem no que se refere a Stálin, a Lênin e ao bolchevismo. Ou como nos massacram sem parar: ‘O mercado! O mercado livre!’. Enquanto isso, nós... que nos educamos num mundo sem Tchernóbil, vivemos com Tchernóbil” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 214).

Há um abismo entre o que essas pessoas eram e o que elas se tornaram depois do acidente, um abismo criado pela catástrofe que foi Tchernóbil. Nos anos que se seguiram a

1986, esses sujeitos se deram conta de que não se reconheciam mais porque não podiam mais viver ou pensar como antes, porque seu modo de conceber a realidade e o comportamento humano havia mudado. A despeito de tudo o que dizia a mídia e o próprio governo, as vítimas de Tchernóbil continuavam se perguntando “quem somos nós?”, como revela o relato de um soldado “liquidador<sup>3</sup>”:

“Nos jornais, alardeavam o nosso heroísmo... Que éramos rapazes valentes, heróis do Komsomol, voluntários! Mas quem éramos nós, na realidade? O que fazíamos? Eu gostaria de saber, de ler em algum lugar. Apesar de ter estado lá...” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 105).

Em outra passagem, Guenádi Gruchevói também se questiona:

“Aqui fica uma pergunta. Precisamos responder a essa pergunta: quem somos nós? Sem isso, nada passará nem mudará. O que é a vida para nós? E o que é a liberdade para nós? Com a liberdade, só sabemos sonhar. Poderíamos ser livres, mas não conseguimos nos tornar livres. Novamente não conseguimos. Durante setenta anos construímos o comunismo, hoje construímos o capitalismo. Antes rezávamos para Marx, hoje rezamos para o dólar. Nós nos perdemos na história. Quando você pensa em Tchernóbil, recai sobre o mesmo ponto: quem somos nós? O que compreendemos sobre nós? Sobre o nosso mundo? Nos nossos museus de guerra – e temos muitos deles, muito mais que de arte – guardam-se velhos fuzis, baionetas, granadas, e no pátio há tanques e morteiros. Levam os estudantes lá em excursão e lhes mostram: isso é a guerra. A guerra é assim. Mas hoje a guerra é outra. No dia 26 de abril de 1986, nós sobrevivemos a uma guerra. Uma guerra que não terminou. E nós... Quem somos?” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 197).

A pergunta permanece nas narrativas das vítimas durante todo o livro, contudo, suas vozes entram em concordância e, aos poucos, vão construindo uma imagem que talvez responda aquilo que elas necessitam saber. O que talvez mais chame a atenção nessa imagem é a solidão. O acidente na Central provocou uma ruptura entre o “nós” socialista que norteava o modo de vida desses sujeitos até 1986 e o “eu” que, depois, predominou como uma forma de sobrevivência.

Zóia Danílovna Bruk conta:

---

<sup>3</sup> Foram chamados de “liquidadores” os soldados que trabalharam em Pípiat para conter o incêndio na Central Elétrica Atômica. Em razão de terem trabalhado sem equipamentos de segurança ou trajes especiais de proteção, esses soldados foram os mais atingidos pela radiação e muitos deles morreram semanas depois do acidente.

“Tchernóbil fez surgir o sentimento novo e incomum de que cada um de nós tem a sua própria vida; até então isso parecia desnecessário. E as pessoas passaram a se preocupar com o que comiam, como alimentavam os filhos, o que seria ou não perigoso para a saúde, se mudavam ou não para outro lugar. Cada um tinha de tomar as suas próprias decisões. Antes, como se vivia? Com toda a aldeia, com toda a comunidade. Com o coletivo da fábrica ou do colcoz. Nós éramos soviéticos” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 258-259).

Tchernóbil transformou uma geração soviética em uma geração que, de repente, se via sozinha, desagregada, destruída por um inimigo invisível. O socialismo no qual as pessoas acreditavam deixou de existir quando a Central explodiu e então tudo no que se falava era em isolamento e contaminação.

Natália Arsénievna Roslova, presidenta do Comitê de Mulheres de Mogulióv “Crianças de Tchernóbil”, lembra-se da noção de comunidade que havia antes de Tchernóbil e que desapareceu após o acidente:

“Mas isso é também a imagem da barbárie, essa falta de medo pela própria vida. Nós sempre falamos ‘nós’ e não ‘eu’: ‘nós mostraremos o heroísmo soviético’, ‘nós revelaremos o caráter soviético’ para o mundo todo! Essa sou eu! Mas não quero morrer. Tenho medo. É interessante observar hoje a si mesma, observar os seus sentimentos. Como mudaram. Analisar tudo isso. Há tempos procuro estar mais atenta ao mundo que me rodeia. Ao entorno e a mim mesma. Depois de Tchernóbil, sente-se isso. Nós temos aprendido a dizer ‘eu’. Eu não quero morrer! Eu tenho medo” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 333).

Os sobreviventes foram afastados do resto do mundo. Em seu relato, Liudmila Dmítrievna Políanskaia, professora rural, expressa esse sentimento de solidão: “Eu mudei nesses anos mais que em toda a minha vida, em quarenta anos. Estamos fechados na zona. Não habitamos mais. Vivemos num gulag. O gulag de Tchernóbil” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 282). Na medida em que os habitantes da região afetada vão adquirindo consciência desse isolamento, constrói-se uma nova identidade: elas se tornam “homens de Tchernóbil”.

## HOMEM DE TCHERNÓBIL

Segundo entende Anatóli Chimánski, Tchernóbil operou uma nova divisão no mundo: “[...] há os de Tchernóbil, nós; e há vocês, o resto dos homens. Você notou? Nós já não distinguimos: eu sou bielorrusso, eu sou ucraniano, eu sou russo... Todos nos chamamos de pessoas de Tchernóbil” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 172). Pessoas de quem ninguém desejava se aproximar porque estavam contaminadas pela radiação, porque comiam comida radiativa, porque viviam em casas com níveis tão altos de radiação que nem mesmo os dosímetros suportavam, porque geravam filhos doentes e porque estavam elas mesmas doentes, porque estavam condenadas, e por isso foram isoladas do resto do mundo em uma nação à parte. Eram o povo de Tchernóbil.

Contudo, Nikolai Fomítch Kalúguin destaca que ninguém estava preparado para se tornar um homem de Tchernóbil:

“Você vive como uma pessoa normal. Uma pessoa comum. Assim, como todo mundo à sua volta: vai ao trabalho e volta para casa. Recebe um salário médio. Uma vez por ano, você sai de férias. Você tem mulher. Filhos. É uma pessoa normal! E de repente, de um dia para o outro, você se torna um homem de Tchernóbil. Um animal raro! Uma coisa que interessa a todo mundo, mas que ninguém conhece. Você quer ser como todas as pessoas, mas isso não é mais possível. Não há como voltar ao mundo anterior. Você passa a ser olhado de forma diferente. As pessoas lhe perguntam: ‘Lá foi tão terrível assim? Como foi o incêndio da central? O que você viu?’. Ou, por exemplo: ‘Você pode ter filhos? A sua mulher o abandonou?’. Nos primeiros tempos, todos nós nos tornamos raridades em exposição. A própria expressão ‘homem de Tchernóbil’ até hoje funciona como sinal acústico. Todos giram a cabeça na sua direção. ‘Você é de lá!’. Esse foi o sentimento dos primeiros dias. Nós perdemos não a cidade, mas a nossa vida inteira” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 65).

A partir de suas narrativas, compreende-se que tudo na vida dessas pessoas passou a girar em torno de Tchernóbil, tanto para as que deixaram suas casas e suas aldeias a fim de fugir da radiação quanto para as que permaneceram, mesmo contra as ordens dos soldados que derrubavam as casas e as soterravam.

As mulheres, principalmente, carregam o peso da sobrevivência. Os médicos as proibem de ter filhos, pois seus corpos estão cheios de radiação e as crianças podem nascer doentes ou com deformações. As que ignoram essa sentença e engravidam se sentem culpadas. Nenhum homem quer se casar com essas mulheres, então elas mentem para que eles não saibam que elas são sobreviventes de Tchernóbil. Como Kátia P., muitas outras

mulheres do livro de Aleksievitch (2016) se perguntam se, afinal, são culpadas por quererem ser felizes:

“Eu peço amor. Mas tenho medo. Medo de amar. Tenho noivo, já entregamos os papéis ao cartório. Você ouviu falar dos *hibakusi* de Hiroshima? São os sobreviventes. Só podem casar-se entre si. Aqui não se escreve nada sobre isso; disso não se fala. Mas nós existimos. Somos os *hibakusi* de Tchernóbil” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 105).

Além da solidão, a morte é outra palavra central para o homem de Tchernóbil. Nós, “os outros”, concebemos a morte de um modo diferente de como a concebem os de Tchernóbil. A morte faz parte de sua identidade, e com isso me refiro a pessoas que perderam pais, maridos e irmãos que trabalharam na Central para liquidar o incêndio, que viram a morte de perto, que presenciaram suas casas serem cobertas pela terra e os animais serem mortos a tiros porque estavam contaminados, que testemunharam suas aldeias e suas próprias vidas serem destruídas e enterradas. Para o homem de Tchernóbil, vida e morte são inseparáveis e às vezes se confundem.

Por fim, talvez pudéssemos nos perguntar de quem é a culpa pelo que aconteceu na Central Elétrica Atômica de Tchernóbil. Do homem? Da máquina? Do pensamento russo? Entretanto, chegar a uma resposta não resolveria a situação social das vítimas do acidente e tampouco devolveria a elas a vida que perderam. Elas mesmas não se perguntam sobre isso. A catástrofe que foi Tchernóbil não pode ser revertida e, como conta Serguei Vassílievitch Sóboliev, com o tempo, todos acabam se conformando: “Tchernóbil. Já não teremos outro mundo. No início, quando arrancavam a terra de debaixo dos nossos pés extravasávamos a dor sinceramente, mas agora temos consciência de que não há outro mundo, nem para onde ir” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 224).

Apesar disso, as pessoas que tecem suas narrativas ao longo da obra de Aleksievitch (2016) não esquecem o que foi Tchernóbil e o que esse evento significou em seu universo. Pelo contrário, elas querem lembrar, como afirma uma professora: “Eu recordei... para recobrar a verdade daqueles dias e dos nossos sentimentos. Para não esquecer como mudamos. E a nossa vida” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 283). Ou como pede um pai que perdeu a filha por conta da radiação: “Eu quero testemunhar [...]. Anote. Anote ao menos que a minha filha se chamava Kátia. Katiúchenka. Morreu aos sete anos” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 68). Há nessas narrativas a vontade de que o desastre nuclear de Tchernóbil não seja esquecido pelo mundo, assim como o sofrimento das pessoas que

sobreviveram a ele. Contudo, há também uma necessidade de se auto-organizar, de se autossignificar e de se compreender, uma necessidade humana que encontrou seu caminho através das narrativas.

Por conseguinte, embora compreender a experiência constitutiva dos sujeitos que contam suas histórias em *Vozes de Tchernóbil* (2016) tenha sido o objetivo deste artigo, é possível perceber que muito mais está envolvido no que tange às potencialidades da natureza humana. Segundo Motta (2013), esse é o trabalho simbólico das análises de narrativas: “Compreender um pouco mais o ser humano na sua complexidade, entender o mundo humano, demarcar nossas identidades, o que somos, como nos constituímos” (p. 30).

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Conforme lê-se no já referido texto de Benjamin (1986), as narrativas oriundas da tradição oral não se esgotam no momento em que são contadas. Elas conservam suas forças e, mesmo depois de muito tempo, ainda são capazes de se desenvolver, de comover e de transformar aqueles a quem elas são transmitidas. As narrativas são dinâmicas. Podem, em um novo momento, revelar uma nova face e possibilitar aos narradores que se redescubram também. E, sobretudo, elas encerram histórias que sempre valem a pena serem contadas outra vez.

Seja como tentativa de construção de uma identidade coletiva, seja como tentativa de manter o passado presente, ao alcance de todos, os sobreviventes do acidente nuclear de Tchernóbil tecem suas narrativas na obra de Aleksiévitich (2016) e, enquanto o fazem, manifestam a necessidade de atribuir sentido à sua existência. Suas histórias são carregadas de experiências ao mesmo tempo duras e subjetivas e as raízes dessas narrativas estão profundamente arraigadas aos sentimentos de um povo, do povo dos “homens de Tchernóbil”.

Não obstante toda a carga humana aludida pelos relatos que compõem *Vozes de Tchernóbil* (2016), talvez este artigo necessitasse de um método mais rígido, uma vez que a academia costuma exigí-lo. De fato, em minha leitura da obra de Aleksiévitich (2016), não segui qualquer sistematização objetiva ou procedimento dissecatório das narrativas que ele apresenta. Ao invés disso, dediquei-me a escutar as vozes dos muitos narradores que

expõem seus sofrimentos, suas perdas e suas dúvidas sobre o mundo que se criou a partir de 1986 e a respeito do lugar social que eles passaram a ocupar nesse novo paradigma. Como intérprete dessas narrativas, não as compreendi tanto como objeto de análise, mas como possibilidades de existência humana. Antes de enumerar e analisar fatos, debrucei-me sobre a natureza impalpável do homem e dela interessei-me em construir um sentido. Assim, arrisco-me a dizer que o método aqui é o da escuta daquilo que as narrativas têm a dizer.

E, por fim, é possível que alguém pergunte: por que estudar estas ou quaisquer outras narrativas? Porque, além dos motivos já expostos neste trabalho, “[...] as narrativas não representam simplesmente a realidade: elas apresentam e organizam o mundo, ajudam o homem a constituir a realidade humana” (MOTTA, 2013, p. 33-34). Fora das narrativas, portanto, haveria apenas o deserto inóspito da vida não comunicável e ausente de sentido.

## REFERÊNCIAS

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **Vozes de Tchernóbil**: a história oral do desastre nuclear. Tradução de Sonia Branco. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. Tradução de Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

DUCH, Lluís. **Mito, interpretación y cultura**: aproximación a la logomítica. 2.ed. Barcelona: Herder, 2002.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.